

POÉTICA DO IMAGINÁRIO

Um dos livros mais importantes surgidos nos últimos anos para a abordagem e compreensão da poesia é o de Jean Burgos, *Pour une poétique de l'imaginaire*.¹ O Autor aí se preocupa em nos mostrar o texto não como uma entidade atemporal, mas como algo produzido por um sujeito, o que não pode ser esquecido no momento de nossa leitura. Para ele, o que a poesia tem de mais específico é a imagem e é por ela que devemos começar todo trabalho de exegese. O que Jean Burgos tem em mente é elaborar uma teoria que não se perca em formalizações nem na construção de modelos aplicáveis a qualquer obra. Cada obra desenha sua própria poética a partir do seu imaginário. Sendo o texto um encadeamento de imagens, não se pode esquecer de colocá-las como ponto de partida de toda análise textual. Não se trata de um estudo semântico à maneira de um Greimas, por exemplo, nem tampouco de divagações à Bachelard. Sobre este, Burgos atira as críticas mais ferozes, dizendo que ele jamais interroga a natureza da imagem e sua função criadora do texto, contentando-se com uma vivência simpática, com a *rêverie* pura e simples. Os caminhos da gênese e do desenvolvimento da criação são abandonados, ficando a interpretação do texto ao sabor da fantasia que ele desperta. A poesia não deve ser pretexto para divagações, o que, segundo Burgos, dificilmente levará ao estabelecimento de uma poética.

O que se pretende então em *Pour une poétique de l'imaginaire*? Podemos dizer que é a fundação de um estudo da poesia a partir do processo genético das imagens. O texto será o resultado desse processo, quer no ato de produção, quer no da recepção. Em vez de a poética refletir normas preestabelecidas, sua tarefa será de caminhar junto com a criação, sem tentar reduzi-la a esquemas prévios. A essência do poético é a busca do sentido além. Do estruturalismo Burgos rejeita o excesso de formalização que termina por abandonar o processo de semantização, interessando-se mais pelo princípio formador que informador. Neste caso, a significação que se admite é aquela que já estamos predispostos a aceitar desde o princípio do trabalho de análise. A crítica é, segundo ele, ciência a serviço de uma obra e não um fim em si mesma. Daí a proposta de uma dinâmica da imagem a organizar o texto cujo sentido vai sendo progressivamente estruturado. E o sentido não pode ser estabelecido sem passar por uma reflexão sobre a imagem e o papel da linguagem que, por sua vez, recebe vida através dela. A linguagem da poesia funciona contínua e descontinuamente. São as imagens que criam o itinerário de leitura ao qual devemos obedecer sob pena de desvirtuar o sentido da obra. O apelo às teorias de Piaget se justifica na medida em que, sem apriorismos, sem esquemas precedendo a ação real, o método de Jean Burgos se propõe igualmente a "não considerar o virtual e o possível senão como uma criação sem tréguas, perseguida pela ação atual e real" (Piaget, *Introduction à l'épistémologie génétique*). A obra literária, agora é Burgos que o diz, "responde a uma sintaxe que lhe é própria", onde as imagens fazem explodir essa sintaxe numa desorganização contínua. A desorganização inicial deve conduzir à organização final, fundamentada no princípio da recorrência. A poética nesse caso é "uma ciência cujo objeto é a criação de formas novas que, por seu preenchimento e sua finalidade, escapam ao final à linguagem puramente bláblabla que havíamos podido acreditar fechá-la no início".²

Jean Burgos quer uma poética da imagem que se preocupe com esta e não com a realidade que a escrita cria. Explorar o campo da realidade que a imagem abre para depois examinar suas relações com o mundo faz parte de um segundo momento. Como em-

preender tal viagem? Levantando inicialmente os modos e lugares donde emerge a imagem, ritmos de recorrência, graus de ressonância, modos de transformação para, a seguir, ver como ela organiza o real do texto. Não se trata de seguir tal imagem no percurso da obra, porque seria uma escolha arbitrária que poderia, no decorrer do estudo, se revelar de pouco valor, nem tampouco isolá-la para uma dissecação fora do seu contexto. Em vez de nos atermos aos seus conteúdos para estabelecer a sua dinâmica, devemos descobrir as leis que determinam o seu percurso, na busca da poeticidade do texto, da convergência das forças que o regem. São as imagens que tecem o texto. Assim, "pela atualização progressiva de uma espécie particular diretamente fornecedora de sentido, é que se pode falar seriamente de uma poética do imaginário".³ A "espécie particular" que fornece o sentido nas análises que Jean Burgos faz da obra de Apollinaire, Eluard, Saint-John Perse, entre outros, é o tempo, levando-o então a três formas de escrita poética: a da revolta e do regime antitético (insurge-se contra o tempo), o da recusa e do regime eufônico (ignora o tempo), e o da astúcia e do regime dialético (aceita o desenrolar do tempo e admite a noção de futuro). A análise que ele faz nessa perspectiva é conduzida dentro do maior rigor possível.

O livro de Jean Burgos constitui, pois, uma fonte indispensável de consulta a todos os que lidam com poesia e está à espera de algum editor brasileiro que o coloque ao alcance de todos os que lidam com teoria literária.

NOTAS

1. BURGOS, Jean. *Pour une poétique de l'imaginaire*, Paris, Seuil, 1982. 409p.
2. Id. *ibid.*, p.178-9.
3. Id. *ibid.*, p.15.

Antonio Carlos Viens
Universidade Federal de Sergipe

ARSENAL DA VIGÍLIA

OSÓRIO, Antonio Carlos. *Thesaurus*. Brasília, 1986.

Ler a poesia de Antonio Carlos Osório é passar ao vento, na praia do tempo, rumo ao infinito da eternidade. Ler "Arsenal da Vigília" é despertar do marasmo do dia-a-dia e mergulhar na realidade dos tempos que não de vir.

Em toda Vigília, a presença da morte é constante, como o poeta a define:

Por isso desaceito o indesperto
destino vil de tudo que é inerte
pois destino de homem não é sono
mas inquieta vigília que rejeita
tanto a morte final que nada soma
quanto a pequena morte do abandono.

Os textos poéticos se entrelaçam com os textos bíblicos, com os poemas de Camões, com a prosa de Quixote. Com os sonhos de tantos que escreveram, que roubaram o sagrado fogo da angústia e da inquietude. Recita e prece da manhã — MATINAS — com

voz altiloqüente e clamoroso: "Eu te convoco oh! só pra junto às criaturas todas louvamos ao Senhor".

Refere-se à Virgem Nossa Senhora com ternura filial e as palavras em versos se articulam:

Senhora minha mãe
oh não, minha amiga
Perdoa na noite
Perdoa na vida
a fútil cantiga
de quem quer ser filho
e não merece abrigo.

Profundo na simplicidade e na compreensão humana o poema — Oferta.

Senhor aqui estou e te ofereço
Minha Marta e minha Maria
uma com sonhos
unge esses teus olhos
outra com zelo
lustra os candelabros.

O milagre do Natal é celebrado no poema: Nasceu um menino.

Na selva de cimento
nasceu um menino
.....
Pequeno é o menino
Ninguém usaria
seu nome severo
dizê-lo de dia.

O místico confunde-se com o contestador, com o proclamador dos direitos dos fracos e defende a legendária história da América, no poema LATE América. É um livro veemente que vibra no fundo silêncio dos corações e das almas que sofrem.

Há poemas franceses e castelhanos, o poeta sente e vibra nessas línguas pois tem o coração do iamanho do mapa-mundi.

Dedica poemas a muitos amigos, a muitos poetas entre os quais são lembrados Carlos Legendre, Mário Quintana e Miguel Torga...

Em *Recusa* mostra-se forte, veemente, audaz contra a morte:

Da morte só quero desconhecer o rosto
e que me apunhale
encapuçada
de repente na na tocaia.

A elegia tem sua presença repetida no livro, veja-se Elegia XX:

Branços cabelos
vieram gelando
bem devagar

flores vorazes
sopros do tempo...

« É a canção triste da distância, da nostalgia, do tempo que se foi pra nunca mais voltar. Ficariam as suas marcas indelévels nas mazelas dos corpos, nas rugas da tez e no esbranqueamento dos cabelos.

Antonio Carlos Osório conta a vida, o sonho, as atividades, o girar do mundo, o indefinido da sorte e a certeza da Verdade e da Esperança.

Ir. Elvo Clemente

MÉTODOS DE CRÍTICA LITERÁRIA

IMBERT, Anderson. *A crítica literária: seus métodos e seus problemas*. Coimbra, Livraria Almedina, 1987.

Há longo tempo acompanhamos os passos do emérito prof. Enrique Anderson Imbert, argentino, docente da Universidade de Buenos Aires, e por muitos anos professor Titular da Harvard University — USA. Dificilmente outro professor poderá escrever um livro tão simples, tão sério, tão científico e tão acessível como ele sob o título *Métodos de crítica literária*, tradução primorosa de Eugénia Maria M. Madeira de Aguiar e Silva, publicado pela Livraria Almedina em 1971. A edição portuguesa esgotou-se tão rápida como a edição espanhola. Em 1984 Anderson Imbert resolveu reformular o seu livro, torná-lo ainda mais acessível, mais didático, mais apetecível aos professores e alunos dos cursos de Letras. Lança a nova edição sob o título original: *La crítica literaria: sus métodos y problemas*, da Alianza Editorial, Madrid. A Livraria Almedina, de Coimbra, lança a edição portuguesa com a mesma tradutora, em 1987. Aí está o livro tão esperado pelos leitores e pelos professores e alunos dos cursos de Letras.

O livro é novo, não é uma nova edição, o autor o reformulou completamente.

No prólogo o autor caracteriza o tema do livro: "O nosso objeto já não é a literatura: é a crítica. A diferença está em que a literatura é a expressão de um modo de intuir as coisas; e a crítica, por sua vez, é o exame intelectual precisamente daquela expressão".

Nesta edição o autor afirma: "Esta quarta edição — revista, reorganizada, reatualizada — é muito diferente. Há que dar-lhe outro nome: *A crítica literária: seus métodos e problemas*. Expomos idéias nossas e alheias. O livro está, pois escrito com dois estilos: o do ensaio pessoal, com unidade de visão e o do informe histórico, com tantas visões quantos os críticos".

O livro apresenta os capítulos bem demarcados:

1. Disciplinas que estudam a Literatura; O estudo utilitário; O estudo filosófico; O estudo cultural e o estudo crítico.
2. Classificação dos métodos da crítica: a atividade criadora; a obra criada; a criação do leitor.
3. A crítica integral: a crítica e os críticos; um exemplo: Croce; conclusão.
4. Modos de estudar a crítica: a crítica da crítica; a história da crítica; as filosofias da crítica; o gênero da crítica; a metodologia da crítica.
5. Generalidades sobre a crítica: os inimigos da crítica; a crítica dos artistas; a crítica científica; a função da crítica; a axiologia do crítico; os preconceitos da crítica;

as fraquezas da crítica; a prosa do crítico; a psicologia do crítico; o crítico entre o escritor e o leitor.

O novo livro de Anderson Imbert é de uso obrigatório pelos professores e alunos dos Cursos de Letras e por todas as pessoas que desejarem fazer crítica esclarecida sem esse ou aquela ideologia. Outro grande valor do livro é a linguagem escorreita, tranqüila, sem os percalços da nomenclatura refinada e exagerada de algumas escolas ou de alguns teóricos. Expõe nove métodos diferentes cada grupo de três relacionado com um elemento essencial da obra literária: o autor, a obra em si e o leitor. São enfoques diferentes que levam ao melhor conhecimento da obra que se lê ou que se critica.

Analisa os métodos modernos e as modernas modas da crítica e dá a cada qual o lugar que lhe compete pela importância e pelo valor na revelação dos aspectos literários da obra.

Criticar é ler profundamente, criticar é ler para o outro, criticar é levar a outros a lerem ou a não lerem determinado livro.

Ir. Elvo Clemente

TUDO QUE É SÓLIDO DESMANCHA NO AR

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti, 1983.

Lançado em 1983 e imediatamente transformado em centro de polémicos, *Tudo que é sólido desmancha no ar* teve um dos debuts mais invejáveis que um livro pode ter.

Não é para menos que Bergman sacudiu New York City. Ensaísta penetrante de leitura cativante desde o princípio, sua prosa carrega a força da contemporaneidade.

A partir de uma frase aparentemente banal do *Manifesto Comunista* — *Tudo que é sólido desmancha no ar* — Berman constrói um painel vertiginoso e lúcido dos tempos modernos, combinando com maestria a melhor tradição da crítica literária com um desvendamento histórico preciso da sociedade e da cultura nos séculos XIX e XX.

Seu livro nos fala da revolução operada pela modernidade e da dissolução subsequente de todas as suas promessas de felicidade.

Seu fôlego e competência fazem desfilar desde autores como Goethe, Marx, Baudelaire, Dostoiévski, modernistas antes da escola; até expoentes menos "nobres" como os comicos Charles Chaplin e Buster Keaton, o saxofonista de jazz John Coltrane, o desenhista de quadrinhos Robert Crumb e a coreógrafa Twyla Tharp.

O resultado, mais do que um ensaio histórico e literário convencional, é uma aventura intelectual clara, concisa e brilhante. Livro de dogmatismo, o autor não hesita diante do desafio de lidar com as mais densas áreas do saber: crítica literária, ciência econômica e política, arquitetura, urbanismo e estética.

Marshall Berman é professor de Ciência Política no City College da Universidade de Nova York.

ESTA VALSA É MINHA

FITZGERALD, Zelda. *Esta valsa é minha*. Tradução Rosaura Eichnberg.

Escrito de um jeito só — *Esta valsa é minha* é antes de tudo um livro nitidamente autobiográfico. Nele Zelda se Fitzgerald se encarna em Alabama Knight, uma ousada garota sulista que como Zelda sai de sua vida provinciana para casar-se com um artista.

Com um estilo muito pessoal encherado de emoção e entrega, mais do que um romance, é um verdadeiro relato de época aonde Zelda Fitzgerald reordena suas idéias através da personagem Alabama Knight: fala da infância à sombra de um pai austero, dos namoros e da adolescência no sul dos EUA, no período entre guerras; fala da vida com um artista na era do jazz, da viagem à Europa, das festas e do álcool.

De certa forma todo o livro parece a versão pessoal de Zelda a tudo que Scott Fitzgerald contara em *Suave é a noite*, onde ela própria aparece com o nome de Nicole.

Esta valsa é minha é principalmente isso: a tentativa apesar das mutilações, de continuar a vida.

Zelda não conseguiu salvar-se. A loucura voltará em ondas, com pequenos intervalos até o incêndio no hospital psiquiátrico que a matou acidentalmente em 1947, sete anos depois da morte de Scott.

Como dizia a própria Zelda: "Essas garotas não podem fazer qualquer coisa e ficar impunes". Ela realmente não ficou, mas talvez com seu livro, esse relato autobiográfico sincero e pungente, tenha deixado um documento, uma lenda que não existiria se ela não tivesse ousado ir muito além do mediocremente premeditado.

LIVRO QUE TE QUERO LIVRE

É um livro interessante quer pelo assunto quer pelo modo de ser apresentado. Trata dos temas candentes da literatura infanto-juvenil e da leitura. A 1ª parte é um diálogo de grande interesse sobre a revolução pelo prazer, Sueli interroga e Werner Zotz responde em boa linguagem, mantendo sempre acesa a curiosidade do leitor. Os temas do diálogo: leitura infanto-juvenil de que Zotz é autor muito apreciado, a leitura é a função dos professores e dos livreiros em cujas mãos está a educação de nosso país.

Na 2ª parte Sueli vai dissertando sobre a literatura na escola, leitura e ensino da língua materna. O desfrutar dos textos em aula. Faz toda uma demonstração do trabalho que realiza e dos excelentes resultados alcançados. Apresenta trabalho surpresa para a classe e a integração interdisciplinar através do teatro. A obra de Sueli de Souza Cagneti merece a leitura e meditação dos colegas de magistério de 1º e 2º graus e mesmo dos colegas dos cursos de letras que valorizarem os textos em suas aulas, para despertarem a consciência para a bela missão do professor e do educador, plasmador de novas gerações pela leitura, pela literatura, pela beleza dos textos em que os alunos se encontram e se aperfeiçoam.

Ir. Elvo Clemente